

JULHO | VOL4 | N.º 1
Ano 2019

Revista da Rede Internacional de
Investigação-Ação Colaborativa



ESTREIADIALOGOS

estreiadialogos@gmail.com

EQUIPA EDITORIAL

DIRETORA DA REVISTA

Maria Assunção Flores

CONSELHO DE REDAÇÃO

Ana Margarida Veiga Simão, Universidade de Lisboa, Portugal

Ana Maria Silva, Universidade do Minho, Portugal

Carlos Silva, Universidade do Minho, Portugal

Donizete Daher, Universidade Federal Fluminense, Brasil

José da Silva Ribeiro, Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Brasil

Irma Brito, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Portugal

Lurdes Carvalho, Universidade do Minho, Portugal

Maria Amélia do Rosário Santoro Franco, Universidade Católica de Santos, Brasil

Mariangela Almeida, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rinaldo Molina, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Alice Yamasaki, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Ana Isabel Andrade, Universidade de Aveiro, Portugal

Ana Paula Caetano, Universidade de Lisboa, Portugal

André Moisan – CNRS, Laboratoire LISE – CNAM, Paris

Clara Coutinho, Universidade do Minho, Portugal

Cristina Parente, Universidade do Minho, Portugal

Danilo Romeu Streck, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Denise Meyrelles de Jesus, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Edna Maria Goulart Joazeiro, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elsa Lechner, Universidade de Coimbra, Portugal

Eneas Rangel Teixeira, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Fátima Vieira, Universidade do Minho, Portugal

Fernando Ilídio Ferreira, Universidade do Minho, Portugal

Flávia Vieira, Universidade do Minho, Portugal

Isabel Freire, Universidade de Lisboa, Portugal
José Luís Silva, Universidade do Minho, Portugal
Lia Oliveira, Universidade do Minho, Portugal
Lina Márcia Berardinelli, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Lourdes Maria Bragagnolo Frison, Universidade Federal de Pelotas, Brasil
Maria Alfredo Moreira, Universidade do Minho, Portugal
Maropeng Modiba, Universidade de Joanesburgo, África do Sul
Michel Thiollent, UNIGRANRIO/PPGA - Rio de Janeiro, Brasil
Palmira Alves, Universidade do Minho, Portugal
Reyes Quezada, Universidade de San Diego, EUA
Roman Švaříček, Universidade de Masaryk, República Checa
Ruth Balogh, Universidade de Glasgow, Reino Unido
Sandy Stewart, Universidade de Joanesburgo, África do Sul
Sigrid Gjøtterud, Norwegian University of Life Sciences, Noruega
Sonia Acioli de Oliveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Vera Maria Saboia, Universidade Federal Fluminense, Brasil

ASSISTENTES EDITORIAIS

Catarina Sobral
Diana Mesquita
Marco Bento

ISSN 2183-8402

FINALIDADES E ÂMBITO DA REVISTA

AIMS AND SCOPE OF THE JOURNAL

A Revista ESTREIADIÁLOGOS pretende constituir um espaço para disseminar trabalhos que procurem articular investigação e prática em contextos ligados à educação, aos estudos da criança, à saúde, à intervenção comunitária e ao serviço social, entre outros. A revista visa promover e divulgar projetos de investigação-ação em vários domínios através de uma variedade de formatos bem como contribuir para consolidar, fundamentar e dar visibilidade à investigação-ação, incluindo as questões metodológicas, epistemológicas e éticas que lhe estão inerentes. A ESTREIADIÁLOGOS surgiu na sequência da criação da Rede Internacional de Investigação-Ação Colaborativa (www.estreialogos.com), em novembro de 2015, no âmbito do Congresso Internacional Anual da Collaborative Action Research Network (CARN). A ESTREIADIÁLOGOS visa encorajar e apoiar projetos que contribuam para aprofundar o debate em torno das questões teóricas e metodológicas que caracterizam a investigação-ação através do estabelecimento de parcerias e do trabalho em rede. Para mais informações, ver site da ESTREIADIÁLOGOS.

POLÍTICA DE AVALIAÇÃO DOS ARTIGOS

PEER REVIEW POLICY

Todos os artigos submetidos à ESTREIADIÁLOGOS serão objeto de análise por parte da direção da revista no sentido de serem verificados aspetos relativos à pertinência e enquadramento dos mesmos no âmbito da revista, sendo, posteriormente, submetidos a um processo rigoroso de revisão por pares, por, pelo menos, dois pareceristas, membros do Conselho Científico. Se necessário, serão solicitados outros pareceres. As decisões serão comunicadas aos autores juntamente com o feedback sobre o manuscrito.

PREPARAÇÃO E SUBMISSÃO DOS MANUSCRITOS

PREPARATION AND SUBMISSION OF MANUSCRIPTS

LÍNGUA

LANGUAGE

São aceites artigos em Português, Francês, Inglês e Espanhol

DIMENSÃO

WORD LIMIT

Os artigos deverão ser originais e não deverão exceder as 6000 palavras, incluindo resumo, corpo do texto, tabelas, figuras e referências. Os autores devem indicar o número de palavras aquando da submissão do artigo.

RESUMO

ABSTRACT

Os resumos deverão ser redigidos na língua original e em Inglês, não devendo ultrapassar as 200 palavras.

PÁGINA INICIAL

INITIAL PAGE

Em folha separada os autores deverão colocar o título do artigo (que deverá ser conciso e informativo), os resumos, na língua original e em Inglês, bem como entre 3 e 5 palavras-chave (nas duas línguas). Devem ainda incluir a identificação, afiliação institucional e morada completa dos autores, incluindo país, email e telefone e indicar o autor a contactar para assuntos relacionados com o manuscrito (*corresponding author*).

TEXTO PRINCIPAL

MAIN TEXT

Os autores devem preparar dois exemplares do manuscrito: um com a identificação dos autores e outro sem a identificação dos autores, o qual será enviado para avaliação por parte de, pelo menos, dois pareceristas (blind review)

ANEXOS

APPENDICES

No caso de existir mais do que um anexo, estes devem ser identificados utilizando para o efeito A, B, C, etc.

QUADROS E FIGURAS

TABLES AND FIGURES

Os quadros e figuras devem ser numerados sequencialmente e apresentados em folhas separadas, em formato editável, incluindo legenda. A sua localização deve ser indicada no corpo do texto (referindo, por exemplo, INSERIR QUADRO APROXIMADAMENTE AQUI).

Aquando a submissão, os autores devem declarar que o manuscrito não foi submetido a outra revista, que respeita as normas da revista, que sobre ele não recaem conflitos de interesse e que foram salvaguardadas as questões éticas de investigação em vigor no contexto onde o estudo foi conduzido.

As opiniões e o conteúdo dos manuscritos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os artigos deverão ser submetidos através do email: estreiadialogos2016@gmail.com

Todas as submissões serão feitas em suporte eletrónico, num ficheiro com um formato que seja legível pelo programa Microsoft Word, e que possibilite a inclusão de formatação adequada (e.g., doc, docx, rtf). O formato odt (Open Office) deverá ser evitado, visto que alguns revisores poderão não ter software

compatível. Não serão aceites submissões em formato pdf, visto que este formato não pode ser editado pelos processadores de texto correntes.

REFERÊNCIAS

REFERENCES

As referências devem ser ordenadas alfabeticamente, seguindo as normas do Publication Manual da American Psychological Association (APA), 6th Ed., 2010.

Exemplos:

Livro: Adiga, A. (2009). *O tigre branco*. (2ª ed). Lisboa : Presença

Cap. de livro: Hughes, D., & Galinsky, E. (1988). Balancing work and family lives: Research and corporate applications. In A. E. Gottfried & A. W. Gottfried (Eds), *Maternal employment and children's development* (pp. 233-268). New York: Plenum.

Artigo de Revista: Almeida, C.M., Ferreira, A. M., & Costa, C. M. (2010). Aeroportos e turismo residencial: Do conhecimento às estratégias. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 13/14 (2), 473-484.

Comunicação em Conferência: Nicol, D. M., & Liu X. (1997). The dark side of risk (what your mother never told you about time warp). In *Proceedings of the 11th Workshop on Parallel and Distributed Simulation, Lockenhaus, Austria, 10–13 June 1997* (pp. 188–195). Los Alamitos, CA: IEEE Computer Society.

Dissertação/Tese defendida: Carlson, W. R. (1977). *Dialectic and rhetoric in Pierre Bayle*. (Tese de doutoramento não publicada). Yale University, USA.

Publicações sem data: Altherr, J. (s.d.). *La casa de los niños: diseño de espacios y objetos infantiles*. Barcelona: Gamma.

Nota: Obras a aguardar publicação indica-se (no prelo) para portugueses (in press) para ingleses

NOTAS

FOOTNOTES

As notas devem ser reduzidas ao mínimo e numeradas sequencialmente, devendo ser incluídas no final do texto, antes das referências.



AGRADECIMENTOS***ACKNOWLEDGEMENTS***

Os agradecimentos devem aparecer como primeira nota antes das referências.

DIREITOS DE AUTOR***COPYRIGHT***

Os artigos aceites deverão ser objeto de declaração de transferência dos direitos de autor para a ESTREIADIÁLOGOS.

ÍNDICE

Investigação-ação: Reflexão, Ação e Transformação	9
Critical Action Research Today	14
Condições e trajetos do desenho de projetos de investigação-ação no estágio da formação inicial de professores	27
No contexto do arco-íris sociocultural: Contributos da Investigação-Ação	41
Ética na investigação-ação – alguns apontamentos de reflexão	53

EDITORIAL

Investigação-ação: Reflexão, Ação e Transformação

Numa edição comemorativa dos primeiros três anos da revista Estreiadialogos, cujo primeiro volume foi publicado em julho de 2016, faz sentido fazer um balanço mas também uma reflexão sobre este projeto editorial que se assume como uma das peças-chave da Rede de Investigação-Ação Colaborativa no mundo lusófono. No primeiro número da revista, fazia-se o enquadramento da revista no âmbito da Rede Lusófona, a qual se insere no contexto mais amplo da Collaborative Action Research Network (CARN) com sede em Inglaterra. Mais concretamente, advogava-se o papel da Rede na melhoria da “qualidade da prática profissional através da investigação-ação crítica e orientada para a mudança, problematizando e transformando essa mesma prática numa abordagem situada, colaborativa e assente em valores humanistas e democráticos” (Flores & Silva, 2016, p. 8). Destacava-se igualmente o reforço da “dimensão política e emancipatória da investigação no sentido de contribuir para a mudança e melhoria das práticas profissionais e dos contextos em que são desenvolvidas, em busca de uma sociedade mais democrática, mais justa e mais humana” (Flores & Silva, 2019, p. 9). Assim, nos últimos três anos, foi possível assistir à expansão da revista no mundo lusófono, incluindo a publicação de um número especial, em dezembro de 2018, na sequência da realização do I Congresso Bienal da Rede Estreiadialogos, na UNESP, Bauru, Brasil, que teve lugar em dezembro de 2017. Os seis volumes publicados até à data evidenciam a natureza, âmbito e contributo da investigação-ação na mudança e melhoria dos contextos sociais, salientando-se, entre outros, o âmbito da intervenção comunitária, da mediação, da saúde e da educação. Como sustentam Carr e Kemmis (1986, citados em Day, 2001, p. 65),

“A investigação-ação é uma forma de investigação autorreflexiva, desenvolvida pelos participantes em situações sociais (incluindo educacionais), com vista a melhorar a racionalidade e justiça (a) das suas próprias práticas sociais ou educacionais, (b) da sua compreensão sobre essas mesmas práticas e (c) das situações em que essas práticas se realizam.”

Na mesma linha, Latorre (2003, p. 27) sublinha que “a investigação-ação não é, nem investigação, nem ação, nem a intersecção dos dois, mas o ciclo recursivo e retractor de

investigação e ação”. Neste sentido, a investigação-ação assume-se como uma metodologia participativa, colaborativa, sistemática, política, crítica e orientada para a mudança (Kemmis & McTaggart, 1992). Os mesmos autores destacam como principais finalidades da investigação-ação a melhoria e/ou a transformação da prática social e/ou educativa; a articulação entre investigação, ação e formação; a aproximação à realidade mobilizando a mudança e o conhecimento; a assunção dos participantes como protagonistas da investigação. No campo educativo, Elliott (1993) refere um conjunto de características da investigação-ação, nomeadamente as seguintes: i) centra-se na descoberta e resolução de problemas com que se deparam os professores; ii) adota a reflexão durante o processo e no final; iii) constitui uma prática reflexiva; iv) incorpora a teoria na prática; v) pressupõe o diálogo com outros profissionais e vi) centra-se na descoberta de problemas com que os professores se deparam.

Os seis números publicados da Revista, uns temáticos outros mais abrangentes no que respeita aos âmbitos e contextos da investigação-ação, revelam, partilham e discutem dimensões, contributos e desafios da investigação tanto do ponto de vista teórico como praxeológico.

Este número especial da Revista reúne textos de autores convidados que participaram em dois Study Days realizados no âmbito da Rede Estreiadialogos, na Universidade do Minho. Nestes seminários discutiram-se, entre outros, temas relacionados com questões críticas e qualidade da investigação-ação, bem como aspetos éticos e da participação e democratização do conhecimento, dimensões fundamentais para o aprofundamento da investigação-ação colaborativa e crítica. Da apresentação e debate destes temas entre os diversos participantes evidenciaram-se desafios e dilemas que se colocam no contexto do desenvolvimento de projetos de investigação-ação. Os quatro artigos incluídos neste volume testemunham a relevância da investigação-ação colaborativa e crítica nas sociedades contemporâneas, revisitam os seus dilemas e potencialidades e propõem reflexões estimulantes para os investigadores, os profissionais e o desenvolvimento de conhecimento democrático, crítico e transformador. Consideramos, por isso, que este número da revista corporiza uma edição especial, pois celebra o que tem vindo a ser realizado no âmbito da investigação-ação, dá destaque aos três primeiros anos da atividade da Rede Lusófona Estreiadialogos e identifica novos desafios.

No primeiro artigo “Critical Action Research Today”, Wilfred Carr, Professor Emérito da Universidade de Sheffield, Reino Unido, um nome de referência obrigatória neste âmbito, discute os aspetos mais proeminentes da investigação-ação crítica nos dias de hoje. O autor explana o

modo como a investigação-ação se expandiu nos últimos anos, desde que abordou o tópico num congresso há quase 4 décadas. Carr descreve o modo como a investigação-ação conheceu um amplo desenvolvimento em várias disciplinas e profissões, desde a educação, o serviço social, a saúde, etc., mas alerta para o facto de esta expansão nem sempre ter sido acompanhada por uma compreensão unificada sobre os seus propósitos ou objetivos. O autor enumera os distintos propósitos que, na literatura, têm sido associados à investigação-ação: melhorar a prática, mudar a prática, transformar a prática, tornar a prática mais eficaz, tornar a prática mais reflexiva, tornar a prática mais explícita, tornar a prática mais objetiva, traduzir a teoria na prática, desvelar as teorias implícitas na prática, testar ideias na ação. Para Carr, a investigação-ação assume, assim, diferentes formas adotando distintas racionalidades e práticas, as quais encerram potencialidades mas também fragilidades. No texto, o autor explora, com detalhe, o modo como a investigação-ação crítica difere das restantes e assevera que o enquadramento teórico desta modalidade foi desenvolvida há mais de 30 anos mas que necessita, nos tempos atuais, de ser revisitada para que ela possa ser sustentada no futuro.

No segundo artigo, intitulado “Condições e trajetos do desenho de projetos de investigação-ação no estágio da formação inicial de professores”, Flávia Vieira, da Universidade do Minho, Portugal, alude ao papel dos projetos de investigação-ação no âmbito do estágio da formação inicial de professores. Para a autora, estes projetos podem favorecer o desenvolvimento profissional reflexivo dos estudantes com vista à construção de práticas educativas baseadas em valores humanistas e democráticos. Vieira discute este cenário partindo de dados decorrentes de um mestrado em ensino da Universidade do Minho, com particular incidência nas condições que determinam os trajetos temáticos e metodológicos dos estagiários no desenho dos projetos. A autora conclui que emergem três tipos de dispositivos de suporte pedagógico, nomeadamente orientações de ação, articulação curricular horizontal e supervisão, assim como a confluência de fatores experienciais e contextuais na elaboração dos planos de intervenção, concluindo que a construção dos projetos constitui um processo complexo e exigente, mas também criativo e inovador.

No terceiro artigo intitulado “No contexto do arco-íris sociocultural: contributos da Investigação-Ação”, Luiza Cortesão, Professora Emérita da Universidade do Porto, discute a relevância do olhar e da escuta atenta às novas realidades da escola atual na qual a diversidade e complexidade estão presentes. No texto, a autora argumenta a necessidade de incorporar nos processos e nas práticas educativas categorias que deem conta da sua complexidade, como

‘mestiçagem’ e heterogeneidade, defendendo a necessidade de interpretação das complexidades do real e a realização de análises e intervenções de contextos próximos e diretamente vivenciados pelos professores e estudantes. Para esta escuta atenta e próxima da complexidade educativa será importante ultrapassar-se as dicotomias e hegemonias dos paradigmas científicos tradicionais, objetivos e distanciados – focados na exclusão ou/ou – para uma ciência produzida próxima das realidades vivenciadas, participativa, crítica e inclusiva. Esta proximidade e recetividade à realidade heterogénea e complexa traduzir-se-á na produção de conhecimento relevante pelos professores, através do desenvolvimento de “dispositivos de diferenciação pedagógica”, capazes de fomentar a consolidação de aprendizagens mais pertinentes para os estudantes.

Ana Paula Caetano, professora da Universidade de Lisboa, encerra este número com um artigo intitulado “Ética na investigação-ação – alguns apontamentos de reflexão”. Este texto evidencia e aprofunda dimensões teóricas e praxeológicas da investigação-ação colaborativa construindo uma reflexão atual e relevante sobre questões de qualidade científica e ética. A autora analisa as observações que, por vezes, são feitas à investigação-ação, nomeadamente a falta de neutralidade e rigor, necessários para garantir qualidade científica, identificando e argumentando sobre as regras comuns e regras próprias da investigação-ação em relação a outros modos de fazer investigação. São evidenciadas regras e orientações éticas da investigação-ação crítica e esta, tal como afirma, “orienta-se por um interesse emancipatório e a sua prática é uma praxis informada e comprometida eticamente, assente numa sabedoria prática e prudencial” (Caetano neste número). O texto, para além de trazer à discussão e reflexão aspetos importantes e sensíveis que se colocam ao desenvolvimento da investigação-ação colaborativa e crítica, organiza sistematizadamente um conjunto de reflexões e questionamentos que são enriquecidos com a apresentação de casos e experiências investigativas reais que nos convocam a uma aproximação compreensiva, interpelante e reflexiva sobre o pensar, o dizer e o fazer quotidiano da investigação-ação colaborativa, crítica e transformadora.

Dos quatro artigos que compõem este número da Revista, o primeiro e o último focam-se em aspetos abrangentes, transversais e complementares da investigação-ação. Estes dois textos revisitam, com focos distintos, a trajetória e desenvolvimento da investigação-ação crítica e salientam as potencialidades, os dilemas e os desafios atuais. Por outro lado, o segundo e o terceiro artigos inscrevem-se em contextos específicos, nomeadamente nas práticas, potencialidades e contributos da investigação-ação em contextos educativos/formativos. Em síntese, os vários textos

refletem olhares e contributos importantes e complementares, constituindo produções e referências essenciais para a consolidação da investigação-ação e para a formação dos que nela acreditam e investem.

Maria Assunção Flores

Ana Maria Silva

Universidade do Minho

Referências

- Day, C. (2001). *Desenvolvimento profissional de professores. Os desafios da aprendizagem permanente*. Porto: Porto Editora.
- Elliott, J. (1993). *El cambio educativo desde la investigación acción* (re-impressão). Madrid: Ediciones Morata, S. L.
- Flores, M. A. & Silva, C. (2016) Editorial. A ESTREIADIÁLOGOS como fórum de consolidação da investigação-ação no mundo lusófono, Revista *Estreidiálogos*, nº 1, pp.9-20, ISSN 2183-8402
- Kemmis, S. & Mctaggart, R. (1992). *Cómo planificar la investigación acción* (re-impressão). Barcelona: Laertes, s. A. De Ediciones.
- Latorre, A. (2003). *La investigación-acción. Conocer y cambiar la practica educativa*. Barcelona: Graó.